Garis são vítimas de preconceito

» ISABELA DE OLIVEIRA

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press

As garis foram até a 21ª DP, em Taguatinga Sul, para registrar ocorrência: comerciante autuada por injúria

O calor era de 33ºC, ao meio-dia de ontem. Nesse horário, vestidas com espessos macacões alaranjados, 12 garis — todas mulheres, entre elas uma grávida de sete meses — capinavam os canteiros da Quadra 205 de Águas Claras sob o sol. Pouco depois, no horário do almoço, procuraram refúgio na sombra do shopping Quartier Center, onde se reúnem para almoçar há mais de um ano, com autorização do condomínio. Estavam em frente ao estacionamento quando a dona de um salão de beleza para crianças, Alzira Jurema Seara Couto, 67 anos, aproximou-se e disse que as garis deveriam se retirar porque estariam incomodando os clientes. A polícia acabou acionada e a lojista foi autuada em flagrante por injúria.

"Ela nos expulsou do prédio. Disse que estávamos incomodando os clientes enquanto dormíamos, mas já estávamos quase indo embora", revela Silvia Maria Monteiro, 35 anos, moradora do Areal. A gari, casada e mãe de dois filhos, trabalha com limpeza urbana há menos de um mês. Ela estava acompanhada de Raimunda Umbelina, 44, e de Maria Gonçalves de Souza, 50, ambas casadas e mães de dois e três filhos, respectivamente. "É a primeira vez que vivemos isso em Águas Claras. Trabalhamos debaixo de sol e só procuramos uma sombra para almoçar. Ela nos humilhou, disse que não devíamos estar lá, pois estávamos assustando as pessoas. Não dormimos, pois temos apenas 70 minutos de almoço", afirmou Silvia Maria na 21ª Delegacia de Polícia (Taguatinga Sul), onde o caso foi registrado.

Maria Odete Barbosa dos Santos, 34 anos, está grávida do terceiro filho. Natural de Bretolina, no Piauí, vive no Distrito Federal há 25 anos e trabalha como gari há mais de um. "Ela disse que iria chamar a polícia para nos arrastar de lá, pois aquele não era nosso lugar. Além disso, disse que chamaria a imprensa para nos expor, como se estivéssemos cometendo um crime", relembra Maria Odete.

Intimidado com as ameaças, o grupo se afastou do shopping e permaneceu em um balão próximo, embaixo de uma árvore. Enquanto esperavam, as garis foram abordadas pelo encarregado do edifício, Gilson Gomes da Silva. "Primeiro, perguntei porque elas estavam ali no meio da rua. Após me contarem o que aconteceu, falei que deveriam voltar, pois a calçada do prédio é de uso público. Mesmo que estivessem dentro da praça de alimentação, jamais deveriam ser expulsas", conta. Ele indicou que as mulheres procurassem o fiscal operacional de limpeza, Maurício Novaes, para registrarem ocorrência na polícia. Seguiram o conselho e informaram o superior, que acionou a PM.

Desavenças

Alzira Couto negou as acusações à Polícia Militar e disse que não iria prestar depoimento na 21ª DP. No entanto, recuou e falou aos policiais. Procurada pela reportagem, ela não quis apresentar sua versão dos fatos. Na delegacia, a lojista tentou persuadir as garis a retirar a queixa. Ela repetia que as trabalhadoras estavam mentindo e que jamais humilharia uma pessoa. No entanto, Alzira acumula desavenças com vizinhos do comércio. "Ela é uma pessoa intolerante, que gosta de criar confusão gratuitamente. Já ofendeu outros lojistas e chegou até a ameaçar uma colega", conta uma comerciante, que pediu anonimato.

De acordo com Nancy Peixoto, delegada plantonista da 21ªDP, Alzira responderá por injúria. Ela assinou um termo circunstanciado, comprometendo-se a comparecer em juízo. A pena para o crime, considerado de menor potencial ofensivo, é de até seis meses de prisão ou multa. "Injúria é difamar, ofender o decoro, isto é, insultar a pessoa diretamente. Isso também é discriminação", ressalta Nancy.